



3º Domingo da Páscoa (10/04/2005)

Primeira leitura: Atos 2.14a, 36-47 (1ª opção)

O trecho selecionado é a parte final do sermão de Pedro no dia de Pentecostes. O vs. 14 é lembrete de que se trata do sermão petrino e seu núcleo é a ressurreição de Jesus.

Vs. 36 – por causa da ressurreição, é possível dizer que Deus fez daquele Jesus Nazareno humilhado na Cruz, o Senhor e Cristo. Senhor (Kyrios é uma tradução grega de Yahweh na versão LXX). Trata-se, então, de uma afirmação de fé. Essa confissão é obra do Espírito Santo, conforme o apóstolo Paulo. “Messias” ou “Cristo”, significa o rei ungido, que traz o reinado de Deus. Assim, afirmar que Deus fez de Jesus, o Senhor e Cristo, significa proclamar a divindade de Jesus e que através delem Deus inaugura seu reinado.

Essa afirmação a respeito do Ressuscitado/Crucificado prepara o caminho para o responso dos ouvintes e leitores. O responso consiste em voltar se para Deus e ser batizado em nome de Jesus.

Nos vers. 39 encontramos a inclusividade da promessa de Deus: “a vocês, seus filhos, para todos os que estão longe, todos aqueles que o Senhor Deus chamar...”

No tempo do Novo Testamento, a questão da discriminação na Igreja era mais com os assim chamados gentios. Quem são hoje os gentios discriminados? Viver comunitariamente a ressurreição conduz a comunidade à inclusividade. (Dom Sumio Takatsu)

Primeira leitura - Isaías 43.1-12 (2ª opção)

Esta opção tem muito a ver com o texto da Epístola (I Pedro), pois fala também da situação de exilados e estrangeiros. O capítulo 43 de Isaías procede da época do exílio dos judeus na Babilônia. Alguns chamam esse bloco que começa no capítulo 40 e vai até o capítulo 55 de “Livro da Consolação”, porque seu conteúdo difere em muito da primeira parte do livro de Isaías. Aqui, os autores tentam, de diversas maneiras, recuperar o ânimo dos exilados e estimular-lhes a esperança. Afinal, os judeus estavam deportados, expatriados e com os direitos civis reduzidos ao mínimo. Tal situação favorecia a perda da fé no poder de Deus. É nesse contexto que devemos entender as animadoras palavras do profeta: “não temas, porque eu te resgatei... tu és meu” (v.1). A eleição do povo por parte de Javé continua valendo, apesar dos sofrimentos que os afligiam.

Algumas metáforas presentes no texto sugerem a amplitude do poder libertador de Deus: “quando passares por águas, serei contigo...”, remete à experiência da



libertação do Egito no mar. "rios não te submergirão... fogo não te queimará". Naturalmente, são figuras de linguagem que não permitem a ninguém ousar arriscar-se a viver tais experiências literalmente, apenas para testar a Deus. Isso seria incorrer na tentação que Satanás sugeriu a Jesus e que foi respondida com um vigoroso "não tentarás ao Senhor teu Deus!". O texto é muito mais uma promessa de que Deus nos acompanha mesmo no mais absurdo sofrimento e no mais profundo vale de sombras da morte.

A segurança garantida ao povo de Deus no exílio decorre exclusivamente do amor de Deus: "és precioso aos meus olhos... não temas" (v.4-5). Aqui, o tema da eleição por livre graça e soberania divinas é bastante vigoroso, pois tais promessas não são apenas para os judeus no exílio, mas para "todos os que são chamados pelo meu nome e aos que criei para minha glória" (v.7).

Como entender, então, o sofrimento e a angústia? Como enfrentá-los na perspectiva da fé? Há aqui um aspecto vicário. O exílio do povo de Deus, será interpretado futuramente de diversas maneiras: em parte esse exílio é consequência dos próprios pecados do povo (a injustiça, a iniquidade e o desprezo pela Aliança); mas também alguns interpretarão como sendo ocasião para o testemunho de resistência e dos propósitos de Deus a todas as nações. Por isso a frase do v. 10: "vós sois minhas testemunhas – o meu servo..."

Não sabemos até que ponto os exilados compreenderam tal mensagem, pois não é fácil resignar-se com um propósito maior quando se experimenta profundo sofrimento histórico. Contudo, a nota vigorosa do profeta aponta para o incompreensível poder de Deus: "Eu sou o Senhor e fora de mim não há salvação... agindo eu, quem impedirá?" (v.11-12). Este é o mesmo poder da ressurreição de Cristo e da nossa ressurreição (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani).

Epístola 1 Pedro 1.17-23

É bom lembrar o comentário do domingo passado sobre I Pedro, especialmente a condição social frágil e humilhante dos cristãos "estrangeiros", peregrinos ou exilados, sem direitos civis e políticos. O autor procura dar-lhes o senso de comunidade, de comunhão, acolhida e proteção mútua. Esses exilados agora são "povo de Deus" pela ressurreição de Cristo e reconhecem que Deus não faz acepção de pessoas, pois os escolheu. Daí a importância da primeira frase: "Ora, se invocais como Pai àquele que sem acepção de pessoas, julga... portai-vos com temor durante vosso exílio" (v. 17)

Temor não é simplesmente um sentimento de medo. Antes, é o reconhecimento amoroso da presença do Deus justo. No mundo em que os destinatários da carta sofriam acusações falsas e injúrias sem proteção da lei, ter um Pai que não faz acepção e que, na Cruz de Jesus, foi solidário com os sofredores e com os que não têm lugar era e é uma porta que aberta para a edificação de um povo que vive em relações fraternas e igualitárias e de hospitalidade.

O preço dessa nova forma de relações foi alto: a constituição do povo de Deus não está baseada em coisas perecíveis (prata ou ouro), porque essas são



consideradas fúteis e destinadas à corrupção. O preço foi algo muito mais precioso: a própria vida de um inocente. O importante a destacar aqui não é o sangue, mas o que ele representa – o dinamismo da vida. O sangue de Jesus derramado no calvário não pode ter sido em vão. Antes, foi “por causa de vós” (v.20), ou seja, por nossa causa mesmo, nós que hoje afirmamos que somos o povo sacerdotal de Deus.

Outro ponto importante a ressaltar é a referência ao sinal batismal do nascimento para a esperança. Aqui é bom observar que o nascer de novo pela palavra deve ser lido como uma outra forma de dizer vocês foram resgatados...(vs19).

Vs. 22-23 - É bom enfatizar que o novo nascimento é para o amor fraternal mútuo, para a comunhão/comunidade, e tem implicações sociais, embora tenha, naturalmente, dimensão pessoal, pois a pessoa se constrói como um mosaico feito de vários fios, no encontro uns com os outros. (Dom Sumio Takatsu e Rev. Carlos Eduardo Calvani)

Santo Evangelho: Lucas 24.13-35

É conhecida de todos a narrativa do encontro de Cristo com os discípulos no caminho de Emaús. Alguns fatos bastante simples e que podem nos ajudar a preparar a homilia, merecem ser destacados:

- a) Aqueles discípulos estavam tristes e desanimados (“com o rosto sombrio”- v. 17)
- b) Estavam frustrados e decepcionados com a religião de sua época (“nossos sacerdotes e líderes religiosos o entregaram à morte” - v. 20)
- c) Estavam desiludidos quanto às esperanças que haviam depositado em Jesus (“nós esperávamos que fosse ele quem iria redimir Israel”- v. 21)
- d) Estavam céticos quanto aos testemunhos que ouviram de outros (“algumas mulheres declararam que ele está vivo... e alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas tal como as mulheres haviam dito, mas não o viram”- vers. 22-24)

Esses fatos tem muito a ver conosco. Isso torna o texto muito atual.

Como eles, muitos de nós às vezes nos sentimos tristes e sem motivos para nos alegrarmos. Principalmente em nossos dias quando tanta coisa vai mal, é comum caminharmos cabisbaixos e de rosto sombrio. Nosso destino parece ser o mesmo deles: o passado, o retorno a Emaús, à velha vida;

Como eles, muitos de nós nos sentimos decepcionados com a religião de nosso tempo, com o fato de tantos líderes religiosos sufocarem a mensagem de Cristo e esconderem-na atrás de mensagens institucionais

Como eles, muitos de nós às vezes nos desiludimos com nossa própria fé e com as esperanças que depositamos em Cristo. Mas aí reside um problema sério. Eles



tinham uma expectativa errada em relação a Jesus. Esperavam que ele fosse o messias político que libertaria Israel dos romanos. Não compreendiam a necessidade de sua morte sacrificial para libertar o mundo. Tal como eles, muitas pessoas ainda hoje se desiludem com Cristo ou abandonam a fé porque depositam nele esperanças equivocadas. Certamente porque idealizam um Cristo a seu modo ou porque lhes ensinaram uma cristologia errada e inadequada. Quando tais expectativas não se realizam, perdem a fé, e aí só resta dizer: “nós esperávamos que ele agisse de tal maneira...”

Como eles, muitas pessoas também continuam céticas quanto ao testemunho dos que tiveram suas vidas transformadas pelo poder da ressurreição.

Não importa em qual categoria nós nos enquadremos. Importa que o encontro com o Cristo ressuscitado fez aqueles discípulos mudarem o rumo. Isso, porém, aconteceu a partir de um processo que envolveu: a presença e companhia do companheiro misterioso que mais tarde reconheceram ser o próprio Cristo ressuscitado; a instrução das Escrituras (v. 27) e a comunhão eucarística (v. 30-31).

Durante toda caminhada, Cristo lhes expôs as escrituras e fez com que o coração de ambos ardesse. Isso aconteceu porque a exposição das escrituras estava ligada à vida e às necessidades do momento. Finalmente, eles o reconheceram no partir do pão, uma clara alusão à celebração eucarística. Esse processo nos lembra um dos aspectos da missão da Igreja no mundo: a celebração litúrgica que, a despeito das dores e incertezas, proclama: “O Senhor está no seu Santo Templo”, que canta: “Deus está presente”, “Deus está aqui, tão certo como o ar que eu respiro”, e que mantém o equilíbrio entre a leitura, proclamação e exposição da Palavra e a comunhão eucarística.

A perícopes termina dizendo que aqueles discípulos mudaram o rumo de sua caminhada. Antes iam para Emaús. Depois daquela experiência, mudaram o rumo para Jerusalém. Páscoa significa mudança de vida. Da tristeza para a alegria, da decepção religiosa para a vida em comunidade; de uma visão errada do Cristo a uma visão correta; da morte para a vida, enfim. (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani)